

## OS QUE TANTO ACREDITARAM

## PREMIAÇÕES

*The New York Times: TOP 10 LIVRO DO ANO (2018)  
& 100 MELHORES DO SÉCULO 21*

*ALA Carnegie Medal: VENCEDOR*

*Stonewall Book Award: VENCEDOR*

*Los Angeles Times Book Prize: VENCEDOR*

*Chicago Tribune Heartland Prize: VENCEDOR*

*Midwest Independent Booksellers Association Award: VENCEDOR*

*Chicago Review of Books Award: VENCEDOR*

*The Clark Fiction Prize: VENCEDOR*

*The Vermont Book Award: VENCEDOR*

*Pulitzer Prize: FINALISTA*

*National Book Award: FINALISTA*

Rebecca  
Makkai

Os que  
tanto  
acreditaram

*Tradução*

Fernanda Abreu

valentina 

Rio de Janeiro, 2025

1ª Edição

## 1985

A pouco mais de trinta quilômetros daqui, trinta quilômetros mais ao norte, a missa fúnebre estava começando. Yale checou o relógio enquanto eles subiam a Belden. Perguntou para Charlie:

— Você acha que a igreja vai estar muito vazia?

— Vamos não dar bola para isso? — pediu Charlie.

Quanto mais se aproximavam da casa de Richard, mais amigos eles viam indo na mesma direção. Alguns estavam bem-vestidos, como se aquilo fosse o funeral em si; outros usavam jeans e jaqueta de couro.

Devem estar só os parentes lá na igreja, os amigos dos pais, o padre. Se tiver sanduíche sendo servido em alguma sala de recepção, quase tudo vai para o lixo.

Yale encontrou no bolso o folheto da vigília da noite anterior e o dobrou até conseguir algo parecido com aqueles origamis abre e fecha da sorte que os amigos de infância costumavam fazer no ônibus, aqueles que previam o futuro quando você erguia uma aba (“Famoso!” ou “Assassinado!”). Aquele dali não tinha abas, mas cada quadrante trazia palavras, algumas de cabeça para baixo, todas truncadas pelas dobras: “*Padre George H. Whitb*”; “*amado filho e irmão, descanse em*”; “*Tudo que for luz e*”; “*ao invés de flores, doaç*”. Todas elas coisas que, supôs Yale, de fato previam o futuro de Nico. Nico tinha sido luz e beleza. Flores não adiantariam nada.

As casas daquela rua eram altas e estavam ornamentadas. Ainda havia abóboras em todos os degraus da frente, mas poucas com caras esculpidas; eram mais cabaças e espigas de milho crioulo arrumadas com bom gosto. Cercas de ferro forjado, portões de vaivém. Quando os dois pisaram o caminho de pedestres que ia dar na casa de Richard (uma nobre *brownstone* de paredes-meias com outros nobres vizinhos), Charlie sussurrou:

— Foi a mulher dele quem decorou. Quando ele era *casado*. Em 72. — Yale riu no pior momento possível, bem na hora em que eles passaram por um Richard de sorriso grave segurando a porta da própria casa. Riu ao pensar em Richard vivendo uma vida hétero no Lincoln Park com uma mulher interessada em decoração de interiores. A imagem que surgiu na mente de Yale foi de comédia: Richard enfiando um homem dentro do armário enquanto a mulher voltava para buscar a bolsa Chanel que havia esquecido.

Yale se apurou e tornou a se virar para Richard.

— Sua casa é linda. — Uma onda de gente veio atrás deles, e empurrou Yale e Charlie para a sala.

Lá dentro, o décor parecia saído não de 1972, e sim de 1872: sofás de chintz, cadeiras de veludo com os braços entalhados, tapetes orientais. Yale sentiu Charlie apertar sua mão enquanto eles se misturavam aos presentes.

Nico tinha deixado bem claro que era para ter uma festa. “Se eu puder ficar como fantasma, vocês acham que eu vou querer ver soluções? Eu vou é assombrar vocês. Se ficarem sentados chorando eu jogo um abajur no outro lado da sala, hein? Enfio um atizador de lareira na sua bunda, e não no bom sentido.” Se ele tivesse morrido só dois dias antes, eles não teriam conseguido fazer sua vontade. Mas Nico morrerá havia três semanas, e a família adiara a vigília e o funeral até seu avô, o avô que ele não via fazia vinte anos, conseguir pegar um avião de Havana. A mãe de Nico era fruto de um casamento breve e pré-castrista entre a filha de um diplomata e um músico de Cuba, e agora esse vetusto cubano era crucial para a organização do funeral, enquanto o namorado de Nico por três anos não era sequer bem-vindo na igreja naquela noite. Yale não podia pensar nisso ou ficaria com raiva, o que não era o que Nico queria.

Em todo caso, eles tinham passado três semanas de luto, e agora a casa de Richard transbordava de festividades forçadas. Lá estavam Julian e Teddy, por exemplo, acenando de cima da balaustrada no primeiro andar que rodeava a sala. Havia mais um andar depois desse, e uma rebuscada claraboia redonda dominava todo o recinto. Aquilo era mais uma catedral do que fora a igreja. Alguém deu uma risada esganiçada perto demais do ouvido de Yale.

— Acho que a ideia é a gente se divertir — disse Charlie. Yale estava convencido de que o sotaque britânico de Charlie aparecia mais nos momentos de sarcasmo.

— Estou esperando os go-go boys chegarem — respondeu.

Richard tinha um piano, e alguém estava tocando “Fly Me to the Moon”.

Que diabos eles estavam fazendo, todos eles?

Um magricelo que Yale nunca tinha visto na vida deu um abraço de urso em Charlie. Alguém de fora da cidade, imaginou, que tinha morado ali, mas se mudado antes de Yale entrar na jogada. Charlie falou:

— Caramba, você rejuvenesceu, como pode isso? — Yale esperou para ser apresentado, mas o homem agora estava contando uma história urgente sobre outra pessoa, que ele também não conhecia. Charlie era a interseção de muitas rodas.

Uma voz no ouvido de Yale:

— Estamos bebendo cuba-libre. — Era Fiona, irmã mais nova de Nico, e Yale se virou para abraçá-la e sentir o cheiro de limão de seus cabelos. — Não é ridículo? — Nico tinha orgulho da ascendência cubana, claro, mas se soubesse o caos que a chegada do avô iria causar teria vetado a escolha da bebida.

Fiona tinha dito a todos eles na noite anterior que não iria ao funeral, que estaria ali em vez disso, mas mesmo assim era perturbador vê-la, confirmar que ela havia cumprido o que dissera. Mas, enfim, ela havia cortado relações com a família de modo tão definitivo quanto eles tinham cortado relações com Nico nos anos anteriores à doença. (Até que, em seus últimos dias, haviam voltado a reivindicá-lo e insistido para que morresse num hospital mal-equipado de subúrbio com papel de parede fofinho.) O rímel estava borrado. Ela havia tirado os sapatos, mas cambaleava como se ainda estivesse de salto.

Fiona entregou para Yale a própria bebida já pela metade, com um arco rosa na borda. Levou um dos dedos à fenda do lábio superior dele.

— Ainda não acredito que você raspou. Quero dizer, ficou legal. Você parece meio que...

— Mais hétero.

Ela riu, então disse:

— Ah. *Ah!* Ninguém te sacou, sacou? Lá na Northwestern? — Fiona tinha uma das melhores caras de preocupação que Yale jamais vira: sobranças imprensadas uma contra a outra, lábios desaparecidos dentro da boca; mas ele se perguntou como ela ainda podia ter alguma emoção dentro de si.

— Não — falou. — É que... enfim, eu sou o cara do fomento. Que promove a expansão da galeria. Entro em contato com vários ex-alunos mais velhos.

— Para conseguir dinheiro?

— Dinheiro e obras de arte. É um balé estranho. — Yale conseguira o emprego na nova Brigg Gallery da Northwestern em agosto, na mesma semana em que Nico adoeceu, e ainda não tinha certeza de onde começavam e terminavam suas responsabilidades. — Quero dizer, eles sabem sobre Charlie. Meus colegas. E tudo bem.

É uma galeria, não um banco. — Ele provou a cuba-libre. Inadequado para um 3 de novembro, mas a tarde afinal estava quente para a estação, e aquilo era exatamente do que ele precisava. Talvez o refrigerante inclusive o acordasse.

— Você estava mesmo a cara do Tom Selleck. Odeio quando homens louros deixam crescer o bigode; fica parecendo uma penugem de pêssego. Mas nos de cabelo escuro eu adoro! Você deveria ter deixado! Mas tudo bem, porque agora está a cara do Luke Duke. No bom sentido. Não, do Patrick Duffy! — Yale não conseguiu rir, e Fiona inclinou a cabeça para encará-lo com seriedade.

Ele sentiu vontade de soluçar com o rosto enterrado nos cabelos dela, mas não o fez. Tinha passado o dia inteiro cultivando o anestesiamento, agarrando-se a ele como se fosse uma corda. Se aquilo tivesse acontecido três semanas antes, eles teriam simplesmente chorado juntos. Mas uma casquinha já tinha se formado, e agora ainda por cima havia aquela ideia de *feira*, aquele imperativo para estar de alguma forma bem. Alegre.

E o que Nico tinha sido para Yale? Apenas um grande amigo. Não um parente, tampouco um namorado. Nico na verdade era o primeiro amigo de verdade que Yale tinha feito ao se mudar para lá, o primeiro com quem tinha se sentado só para *conversar*, e não num bar, não gritando mais alto do que a música. Yale adorava os desenhos de Nico, levava-o para comer panquecas, ajudara-o a estudar para as provas do supletivo e lhe dizia que ele tinha talento. Charlie não se interessava por arte, nem Terrence, o namorado de Nico, de modo que Yale levava Nico a mostras em galerias e palestras sobre arte, e o apresentava a artistas. Mesmo assim: se a irmã mais nova de Nico estava segurando tão bem a onda, Yale não tinha a obrigação de estar menos péssimo?

— Está difícil para *todo mundo* — disse Fiona.

Os pais haviam rompido relações com Nico quando ele tinha 15 anos, mas Fiona levava comida, dinheiro e antialérgicos lá no apartamento que ele dividia com quatro outros caras na Broadway, pegando o metrô e depois o trem, sozinha, para ir de Highland Park até lá. Aos 11 anos de idade. Quando apresentava Fiona, Nico sempre dizia: “Esta aqui é a moça que me criou.”

Nada que Yale pudesse dizer, encontrar palavras para tal, valia a pena ser dito.

Fiona lhe disse para ir dar uma olhada no primeiro andar, se tivesse oportunidade.

— Lá em cima parece o Versalhes.

Yale não estava conseguindo encontrar Charlie no meio das pessoas. Apesar de dar a impressão de ser altíssimo, Charlie era só um pouco mais alto do que a

média, e Yale sempre se espantava, em situações como aquela, ao não conseguir encontrar a cabeça de cabelos rentes, barba bem-feita e olhos caídos acima de todas as outras.

Até que Julian Ames surgiu ao seu lado, vindo lá de cima.

— A gente está bebendo desde a hora do almoço! — exclamou. — Tô bebaço! — Eram cinco da tarde; o céu já havia começado a escurecer. Julian se apoiou em Yale e deu uma risadinha. — A gente vasculhou os banheiros. Ele não tem *nada*, ou então está escondendo. Bom, alguém encontrou uns poppers velhos no fundo da geladeira. Mas pra que servem poppers se não for pra transar?

— *Nããão...* Meu Deus. *Poppers?*

— Tô falando sério! — Julian endireitou as costas. Tinha um tufo de cabelos escuros na testa que Charlie insistia em dizer que o fazia parecer o Superman. (“Ou um unicórnio”, acrescentava Yale.) Afastou os cabelos dos olhos e fez biquinho. Julian na verdade era demasiado perfeito. Tinha se submetido a uma rinoplastia ao sair de Atlanta, pois era melhor para sua carreira de ator, mas Yale teria preferido que não. Teria preferido um Julian imperfeito.

— Eu também estou falando sério. Não faz realmente o menor sentido tomar poppers numa homenagem póstuma.

— Mas isto aqui não é um funeral, é uma  *festa*. E é igual a... — Julian tinha chegado bem perto outra vez, e falou ao seu ouvido como quem conspira. — Igual àquele conto do Poe, o da morte rubra. Lá fora está a morte, mas aqui dentro nós vamos nos divertir demais.

— Julian. — Yale secou a cuba-livre e cuspiu uma lasca de gelo de volta para dentro do copo. — A questão não é essa. Não é assim que a história acaba.

— Eu nunca fui do tipo que terminava o dever de casa.

Julian apoiou o queixo no ombro de Yale, coisa que tinha tendência a fazer e que sempre deixava Yale com medo de Charlie olhar na sua direção naquele exato momento. Yale havia passado os últimos quatro anos tranquilizando Charlie de que não iria fugir com alguém igual a Julian, ou igual a Teddy Naples, agora debruçado precariamente na balaustrada sem que os pés tocassem no chão, chamando algum amigo lá embaixo. (Teddy era tão pequeno que alguém decerto conseguiria acudi-lo se caísse, mas mesmo assim Yale se angustiou e olhou para o outro lado.) Não havia motivo algum para a insegurança de Charlie, tirando a beleza e o temperamento paquerador desses dois homens. Além do fato de Charlie nunca se sentir seguro. Fora Yale quem havia proposto a monogamia originalmente, mas era Charlie quem se preocupava com uma possível violação. E ele havia escolhido

os dois homens mais lindos de Chicago para pendurar suas inseguranças. Yale se sacudiu para afastar Julian do ombro, e Julian abriu um sorriso alcoolizado e se afastou.

A sala havia ficado mais ruidosa, e o som reverberava nos andares de cima conforme mais pessoas iam chegando. Dois homens belíssimos e muito jovens circulavam com bandejas de empadinhas, cogumelos recheados e *deviled eggs*. Yale se perguntou por que a comida não era cubana também, para combinar com a bebida, mas Richard devia ter um único plano para qualquer festa: abrir as portas, abrir o bar, rapazes servindo empadinhas.

Em todo caso, aquilo era infinitamente melhor do que a estranha e desonesta vigília da noite anterior. A igreja recendia a incenso, mas tirando isso havia pouca coisa nela que teria agradado a Nico.

— Ele não teria vindo aqui nem morto — dissera Charlie, antes de escutar a si mesmo e tentar rir. Os pais tinham tido o cuidado de convidar o namorado de Nico para a vigília, dizendo que era “um momento adequado para os amigos prestarem suas homenagens”. Querendo dizer: não venha hoje à missa propriamente dita. Querendo dizer: na verdade nem venha à vigília de hoje, mas veja como nós somos generosos! Entretanto, Terrence tinha ido *sim* na noite anterior, assim como oito amigos. A maioria para fazer companhia a Terrence e dar um apoio a Fiona, que conforme se soube depois havia convencido os pais a fazerem o convite: tinha lhes dito que se os amigos de Nico não fossem convidados ela iria se levantar durante a cerimônia e revelar a verdade. Mesmo assim, muitos amigos tinham ficado de fora. Asher Glass dissera que o seu corpo se revoltaria caso pisasse numa igreja católica. (“Eu começaria a gritar coisas sobre camisinhas, juro por Deus.”)

Os oito ficaram sentados lado a lado no fundo da igreja, uma falange de ternos ao redor de Terrence. Teria sido legal se Terrence tivesse podido se misturar anonimamente, mas eles não estavam sequer sentados quando Yale ouviu uma mulher mais velha apontar para Terrence e dizer ao marido:

— Aquele cavalheiro ali. O negro de óculos. — Como se houvesse algum outro preto naquela igreja, um que tivesse a visão perfeita. Aquela mulher não foi a única a ficar olhando para trás durante toda a cerimônia para observar, de um ponto de vista antropológico, quando e se aquele espécime preto de gay poderia começar a chorar.

Yale ficou segurando a mão de Charlie com o braço bem para baixo, não para marcar uma posição, mas porque Charlie era seriamente alérgico a igrejas.

— Quando vejo genuflexórios e hinários, cinco toneladas de culpa anglicana aterrissam nas minhas costas — disse ele. Assim, bem abaixo da linha de visão de qualquer um, Yale ficara acariciando o polegar ossudo de Charlie com o seu polegar largo.

Parentes leram histórias de Nico quando criança, como se ele tivesse morrido na adolescência. Houve uma história boa, contada por seu pai estoico e pálido: aos sete anos, Fiona queria vinte centavos para comprar um saco de balas Swedish Fish vendidas a granel no balcão da loja de conveniência. O pai lhe assinalou que ela já havia gastado a mesada. Fiona tinha começado a chorar. E Nico, que tinha 11 anos, sentou-se no meio do corredor da loja e passou cinco minutos torcendo e puxando um molar que praticamente ainda nem estava mole até o dente se soltar. Saiu sangue, e o pai deles, que era ortodontista, ficou alarmado ao ver a raiz serrihada ainda presa ao dente. Mas Nico pôs o dente no bolso e disse:

— A Fada do Dente vai me trazer 25 centavos hoje à noite, não vai? — Na frente de Fiona, o dr. Marcus não podia dizer não. — Nesse caso, pode me dar um empréstimo?

A plateia riu dessa história, e o dr. Marcus precisou explicar que Nico tinha dado o dinheiro para a irmã na hora, e que o dente definitivo tinha demorado mais um ano para brotar.

Yale então procurou Terrence. Levou um tempinho, mas lá estava ele, sentado a meio caminho da escada, ainda cercado de pessoas demais para Yale poder conversar com ele. Em vez disso, Yale pegou uma empadinha de uma bandeja circulante e a passou para ele por entre os balaústres.

— Você parece encurralado! — falou, e Terrence pôs a empadinha na boca, tornou a estender a mão e pediu:

— Pode trazer mais!

Fiona teve vontade de enganar os pais, trocar as cinzas de Nico por cinzas da lareira e entregar as verdadeiras para Terrence. Era difícil dizer se ela estava falando sério. Mas Terrence não aceitaria as cinzas, tampouco qualquer outra coisa além do gato de Nico, que ficara com ele quando Nico fora internado pela primeira vez. A família havia deixado bem claro que, quando começasse a desmontar o apartamento de Nico no dia seguinte, Terrence seria despejado. Nico não tinha deixado testamento. A doença se manifestara de forma repentina e imediatamente debilitante: primeiro uns poucos dias do que parecera ser apenas um herpes-zóster, mas, um mês depois, febres abrasadoras e demência.

Terrence fora professor de matemática da sétima série até o verão daquele ano, quando Nico passara a precisar dele em tempo integral e Terrence ficara sabendo estar ele próprio infectado. E agora, como ele iria atravessar o outono e o inverno, sem Nico e sem emprego? Não era só uma questão financeira. Ele amava lecionar, amava aquelas crianças.

Terrence já tivera alguns dos primeiros e vagos sintomas, um pouco de perda de peso, mas nada sério ainda, não o suficiente para pedir licença médica. Tinha feito o exame depois de Nico ficar doente, Yale não sabia se por solidariedade ou simplesmente para *saber*. Não era como se existisse algum remédio mágico. Yale e Charlie tinham sido uns dos primeiros a se testarem naquela primavera, por uma questão de princípios. O jornal de Charlie defendia a testagem, a educação sexual, o sexo seguro, e Charlie sentia que precisava viver conforme aquilo que pregava. Porém, além disso, Yale simplesmente quisera acabar com aquilo de uma vez. Não saber, por si só, fazia mal para a sua saúde, pensava ele. As clínicas ainda não estavam oferecendo o exame, mas o dr. Vincent, sim. Yale e Charlie abriram uma garrafa de champanhe ao receber o bom resultado. Foi um brinde sombrio; eles nem sequer terminaram a garrafa.

Julian estava outra vez junto ao ouvido de Yale, dizendo:

— Pega outra bebida antes de começar a exibição de slides.

— Vai ter uma exibição de slides?

— Coisa do Richard.

No bar, Yale encontrou Fiona conversando com alguém que ele não conhecia, um sujeito com pinta de hétero e maxilar quadrado. Ela girava um cacho dos cabelos louros com um dedo. Estava bebendo depressa demais, pois o copo em sua mão estava vazio. E tinha pegado aquela bebida depois de dar seu copo pela metade para Yale, e Fiona devia pesar uns 45 quilos, se tanto. Ele tocou o braço dela.

— Lembrou de comer?

Fiona riu, olhou para o cara, tornou a rir.

— *Yale* — disse ela. E o beijou na bochecha, um beijo firme que provavelmente deixou uma marca de batom. — Eu tenho duzentos irmãos mais velhos — falou para o cara. Ela poderia cair a qualquer momento. — Mas, como você pode *ver*, esse é o mais *mauricinho*. E olha as mãos do Yale. Olha só.

Yale examinou a palma da própria mão: não havia nada de errado.

— Não — disse ela. — As costas! Não parecem patas de animal? São peludas!  
— Ela correu os dedos por entre os pelos escuros que cobriam densamente a mão

mais para perto do mindinho. — Tem nos pés também! — sussurrou ela alto demais para o sujeito. — Ei, já falou com a minha tia?

Yale correu os olhos pela sala. Só havia umas poucas mulheres, nenhuma muito acima dos trinta.

— Na vigília? — perguntou ele.

— Não, ela não dirige. Mas deve ter falado porque *eu falei* com ela. Falei tipo *meses* atrás. E ela disse que tinha falado contigo.

— A sua tia? — indagou ele.

— Não, a tia do meu *pai*. Ela amava o Nico. Você precisa saber disso, Yale. *A-ma-va*.

— Pega uma comida pra ela — pediu Yale para o cara, e ele aquiesceu. Fiona deu uns tapinhas no peito de Yale e se virou para o outro lado, como se fosse ele aquele cujo raciocínio estivesse impossível de acompanhar.

Ele foi pegar uma bebida, um rum quase puro, e procurou Charlie. Seria aquele o seu queixo barbado, a sua gravata azul? Mas a cortina de pessoas tornou a se fechar, e Yale não tinha altura suficiente para ver por cima de uma multidão. Foi então que Richard baixou as luzes e puxou uma tela de projeção, e Yale não conseguiu ver mais nada, exceto ombros e costas à sua volta.

Richard Campo era fotógrafo, se é que tinha um emprego. Yale não fazia ideia de onde vinha o dinheiro de Richard, mas ele lhe permitia comprar várias câmeras bacanas e lhe deixava com tempo suficiente para percorrer a cidade tirando fotos espontâneas além de um ocasional casamento. Pouco depois de se mudar para Chicago, Yale estava tomando sol em Belmont Rocks com Charlie e os amigos dele, embora tenha sido antes de Yale e Charlie ficarem juntos. Foi maravilhoso, mesmo Yale tendo esquecido de levar toalha, mesmo ele sempre ficando queimado demais. Caras se beijando em plena luz do dia! Um espaço gay, escondido na cidade, mas inteiramente aberto para a vastidão do lago Michigan. Um dos amigos de Charlie, um sujeito de cabelos ondulados, prematuramente grisalhos e sunga Speedo verde-limão, estava sentado lá clicando uma Nikon, trocando o filme, tornando a clicar todos eles.

— Quem é esse tarado? — perguntou Yale, e Charlie respondeu:

— Vai ver ele é um gênio. — Era Richard. É claro que Charlie via genialidade em todo mundo, e pressionava as pessoas até descobrir suas paixões e em seguida incentivá-las, mas Richard realmente tinha talento. Yale e Richard nunca foram próximos: aquele era o primeiro dia em que pisava na casa do cara; mas Yale tinha se acostumado com ele. Richard estava sempre na periferia, observando

e clicando. Uns bons quinze anos mais velho do que todo o resto do seu círculo: paternal, dedicado, sempre pronto para pagar uma rodada. Tinha financiado o jornal de Charlie no início. E o que havia começado como uma estranha excentricidade tinha se tornado nos últimos meses algo essencial. Yale ouvia o clique da câmera e pensava: “Pelo menos *isso* ele registrou.” Ou seja: aconteça o que acontecer, daqui a três ou vinte anos, esse momento estará guardado.

Alguém mexeu no toca-discos, e ao mesmo tempo que o primeiro slide apareceu (Nico e Terrence brindando no Ano-Novo passado, no aniversário de vinte anos de Fiona) a música começou a tocar: a introdução acústica de “America” na versão de Simon & Garfunkel no show do Central Park. A música preferida de Nico, que ele considerava um hino desafiador, não só uma canção sobre uma *road trip*. Na noite em que Reagan havia sido reeleito no ano anterior, Nico, furioso, tinha posto essa música para tocar na jukebox do Little Jim até o bar inteiro, embriagado, começar a cantar sobre estar perdido, contar carros e procurar a América. Do mesmo jeito que estava todo mundo cantando agora.

Yale não teve forças para entrar no coro, e embora não fosse ser o único a chorar, achou que não conseguiria ficar ali. Recuou para longe da multidão e subiu alguns degraus da escada de Richard, de onde ficou observando as cabeças. Todos assistiam aos slides, vidrados. Só que outra pessoa também estava saindo. Teddy Naples estava diante da porta da casa, vestindo o paletó do terno e girando a maçaneta devagar. Teddy em geral era uma pequena bola de energia cinética, sempre saltitando na ponta dos pés e marcando com os dedos o compasso de uma música que ninguém mais conseguia escutar. Mas agora estava se movendo como se fosse um fantasma. Talvez tivesse tido a ideia certa. Se não estivesse preso daquele lado da multidão, Yale talvez tivesse feito a mesma coisa. Não *ido embora*, mas dado um pulo lá fora para respirar um pouco de ar puro.

Os slides: Nico de short de corrida com um número pregado no peito. Nico e Terrence recostados numa árvore, ambos mostrando o dedo do meio. Nico de perfil com seu cachecol laranja e seu casaco preto, cigarro na boca. De repente, ali estava o próprio Yale, aninhado no braço de Charlie, com Nico do outro lado: a festa de final de ano do jornal de Charlie em dezembro. Nico tinha feito o design gráfico do *Out Loud Chicago* e publicava uma tira regular no jornal, e também tinha começado a assinar cenários de teatro. Inteiramente autodidata. Aquilo era para ter sido o prólogo da vida dele. Mais um slide: Nico rindo de Julian e Teddy no Halloween em que eles haviam se fantasiado de Sonny e Cher. Nico abrindo um presente. Nico segurando uma tigela de sorvete de chocolate. Nico em close,

os dentes brilhando. Na última vez que Yale o tinha visto ele estava inconsciente, e uma espuma, algum tipo de espuma branca pavorosa tinha começado a escorrer de repente da boca e do nariz. Terrence havia gritado pelas enfermeiras no corredor, trombado num carrinho de limpeza e machucado o joelho, e as porras das enfermeiras estavam mais preocupadas em saber se Terrence tinha ou não sangrado do que com o que estava acontecendo com Nico. E ali estava o rosto cheio e lindo de Nico no slide, e aquilo foi demais. Yale subiu correndo o resto da escada.

Ficou com medo de os quartos estarem cheios de caras que tinham tomado poppers, mas o primeiro ao menos estava vazio. Ele fechou a porta e se sentou na cama. Agora estava escuro lá fora, e os esparsos postes de rua da Belden iluminavam mal e mal as paredes e o chão. Richard devia ter reformado pelo menos aquele cômodo depois de a misteriosa esposa se mudar. Duas poltronas de couro preto ladeavam a espaçosa cama. Havia uma pequena estante com livros de arte. Yale pôs seu copo no chão e se deitou para ficar encarando o teto, fazendo aquele truque de respirar devagar que Charlie havia lhe ensinado.

Tinha passado o outono inteiro aprendendo de cor a lista dos patronos regulares da galeria. Desligando-se do barulho lá embaixo, fez o que fazia com frequência em casa quando não conseguia dormir: começou a recitar os patronos cujos nomes começavam com A, depois os que começavam com B. Um bom número se sobrepunha aos patronos do Instituto de Arte no qual ele havia passado os últimos três anos trabalhando, mas havia centenas de nomes novos que ele precisava reconhecer sem piscar, ex-alunos da Northwestern, figurões do North Shore.

Recentemente, tinha considerado a lista desconcertante e sentido uma inquietação cinzenta, indistinta, ao pensar nela. Lembrava-se de ter oito anos de idade e perguntar ao pai quem mais no bairro era judeu (“Os Rothman são judeus? E os Andersen?”) e de o pai coçar o queixo e dizer:

— Não vamos fazer isso, parceiro. Historicamente, coisas ruins acontecem quando listas de judeus são feitas. — Somente anos mais tarde Yale se deu conta de que aquilo era um problema específico do pai, do seu tipo de ódio por si mesmo. Mas Yale era jovem e suscetível, e talvez por isso o fato de recitar aqueles nomes o incomodasse.

Ou não, talvez fosse pelo seguinte: ultimamente ele vinha fazendo duas listas mentais concomitantes, a dos patronos da galeria e a dos doentes. Pessoas passíveis de doar obras de arte ou dinheiro, e amigos passíveis de adoecer; os grandes patronos, aqueles cujos nomes você jamais esqueceria, e os amigos que ele já havia perdido. Só que os perdidos não eram amigos próximos, até hoje. Eram conhecidos, amigos de amigos como o ex-colega de apartamento de Nico, Jonathan, um ou

dois galeristas, um barman, o cara da livraria. Eram quantos, seis? Seis pessoas de quem ele tinha *ouvido falar*, pessoas para quem dizia oi num bar, pessoas cujos nomes do meio não saberia dizer, e talvez sequer os sobrenomes. Já tinha ido a três homenagens póstumas. Mas agora se tratava de uma lista nova: um amigo próximo.

Yale e Charlie tinham ido a uma reunião informativa no ano anterior, com um palestrante de São Francisco. Ele havia contado:

— Eu conheço caras que não perderam ninguém. Grupos que não foram afetados. Mas também conheço pessoas que perderam vinte amigos. Prédios inteiros dizimados. — E Yale, estúpida e desesperadamente, tinha pensado que talvez fosse pertencer à primeira categoria. O fato de, por intermédio de Charlie, conhecer praticamente todo mundo em Boystown não ajudava. Tampouco ajudava o fato de seus amigos serem todos exagerados e de parecerem estar exagerando também naquele novo e terrível quesito.

A salvação de Yale, e de Charlie, fora o fato de eles terem se conhecido no momento em que se conheceram e se apaixonado tão depressa. Os dois estavam juntos desde fevereiro de 1981, e, para espanto de quase todo mundo, se mantiveram monogâmicos desde o outono do mesmo ano. O ano de 1981 não era cedo demais para se infectar, nem um pouco, mas afinal de contas ali não era São Francisco nem Nova York. As coisas ali andavam mais devagar, graças a Deus.

Como Yale pudera esquecer que odiava rum? A bebida sempre o deixava mal-humorado, desidratado e com calor. E com dor de barriga.

Encontrou um banheiro do tamanho de um armário, contíguo àquele quarto, e se sentou na privada fresca com a cabeça entre os joelhos.

Em sua lista de pessoas que poderiam adoecer, que não tomavam cuidado suficiente, que poderiam inclusive já estar doentes: bom, Julian, com certeza. Richard. Asher Glass. Teddy... Teddy Naples, meu Deus do céu, que afirmara certa vez ter conseguido escapar da saída obrigatória da sauna Man's World e por lá ficado 52 horas, tirando apenas sonecas nos quartos privativos que vários homens mais velhos haviam alugado para seus encontros (apesar do barulho das transas e a música nas alturas), sobrevivendo à base de Snickers comprados na máquina automática.

Teddy era contra o exame, e temia que os nomes fossem vinculados aos resultados e usados pelo governo, como aquelas listas de judeus. Pelo menos era o que ele dizia. Talvez estivesse só apavorado, igual a todo mundo. Teddy estava terminando um doutorado em filosofia na Loyola, e tinha tendência a tirar da cartola vernizes filosóficos complexos para sentimentos terrivelmente banais. Teddy e

Julian de vez em quando tinham “um lance”, mas principalmente Teddy apenas flutuava entre Kierkegaard e bares e boates. Yale sempre desconfiava que Teddy tinha no mínimo sete grupos distintos de amigos, e que não valorizava muito aquele dali. Não era à toa que tinha ido embora da festa. Talvez os slides fossem demais para ele, como haviam sido para Yale; talvez ele tivesse ido lá fora dar uma volta no quarteirão, mas Yale duvidava. Teddy tinha outros lugares para estar, festas melhores para ir.

E havia também a lista de conhecidos já doentes, que escondiam as lesões nos braços, mas não nos rostos, que tossiam convulsivamente e emagreciam, esperando para piorar, ou então que já estavam internados, ou que tinham sido postos num avião para casa e ido morrer perto dos pais, para virarem notícia nos jornais das suas cidades como tendo morrido de pneumonia. Eram só uns poucos agora, mas havia espaço nessa lista. Espaço demais.

Quando Yale finalmente voltou a se mexer, foi para pegar água na pia com as mãos em concha e molhar o rosto. Seu reflexo no espelho estava um horror: olheiras profundas, a pele morena pálida. Sentia o coração esquisito, mas seu coração era sempre esquisito.

O slide show àquela altura já devia ter acabado, e se ele conseguisse olhar para a multidão lá embaixo conseguiria ver Charlie. Os dois poderiam fugir. Pegar um táxi, até, e ele poderia se debruçar na janela. Quando chegassem em casa Charlie lhe faria uma massagem no pescoço e insistiria para lhe preparar um chá. Ele se sentiria bem.

Abriu a porta que dava para o corredor e ouviu um silêncio coletivo, como se todos estivessem prendendo a respiração ou escutando alguém fazer um discurso. Só que ele não conseguia ouvir muito bem o discurso. Olhou para baixo, mas não havia ninguém na sala. Todos tinham ido para outro lugar.

Desceu a escada devagar. Não queria levar um susto. Qualquer barulho repentino o faria vomitar.

Só que na sala lá embaixo tudo que se ouvia era o rumor do toca-discos ainda girando após terminada a última música, com o braço da agulha recolhido para o lado. Garrafas de cerveja e copos de cuba-libre, ainda pela metade, cobriam mesas e braços de sofá. As bandejas de canapés tinham sido deixadas em cima da mesa de jantar. Yale pensou numa batida, alguma espécie de batida policial, mas aquilo era uma residência particular e eles eram todos adultos, e nada de tão ilegal assim tinha acontecido. Será que alguém fumou maconha? Fala sério.

Quanto tempo ele tinha passado lá em cima? Uns vinte minutos talvez. *Talvez* trinta. Pensou se poderia ter pegado no sono em cima da cama, se já eram duas da manhã. Mas não, a menos que o seu relógio tivesse parado. Eram só 17h45.

Ele estava sendo ridículo e as pessoas estavam no quintal dos fundos. Casas como aquela tinham quintais nos fundos. Ele atravessou a cozinha vazia e passou por um escritório tomado de livros. Ali estava a porta, mas o trinco estava passado. Aproximou a mão em concha do vidro: um toldo listrado, uma pilha de folhas mortas, a lua. Ninguém.

Yale se virou e começou a gritar:

— Ei! Richard! Pessoal! Oi!

Foi até a porta da frente, cujo trinco bizarramente também estava passado, e a manuseou até conseguir abri-la. Não havia ninguém na rua escura.

Veio-lhe à mente a ideia nebulosa e ridícula de que o mundo havia acabado, de que algum apocalipse tinha ocorrido e esquecido apenas ele. Riu de si mesmo, mas, além disso: não estava vendo nenhum movimento de cabeças nas janelas dos vizinhos. Havia luzes nas casas do outro lado da rua, mas afinal as luzes dali também estavam acesas. No final do quarteirão, o sinal passou de verde para amarelo e vermelho. Ele ouviu o vago zum-zum de carros ao longe, mas poderia ter sido o vento, não? Ou até o lago. Yale torceu por alguma sirene, alguma buzina, um avião no céu noturno. Nada.

Voltou para dentro e fechou a porta. Tornou a gritar:

— Pessoal! — E sentiu então que alguém estava fazendo uma brincadeira, que eles poderiam surgir pulando e gargalhando. Mas aquilo era uma homenagem póstuma, não? Não era o colégio. As pessoas nem sempre estavam buscando formas de zoá-lo.

Encontrou o próprio reflexo na TV de Richard. Continuava ali, ainda visível.

No encosto de uma cadeira havia uma jaqueta corta-vento azul que ele reconheceu como a de Asher Glass. Os bolsos estavam vazios.

Ele deveria ir embora. Mas para onde, afinal?

Os cinzeiros estavam cheios de guimbas. Nenhuma fora fumada pela metade, nenhuma apagada às pressas. Exemplares de alguns dos quadrinhos de Nico tinham sido postos sobre as mesas laterais e o bar, mas agora estavam espalhados — decerto mais um efeito da festa do que do seu fim — e Yale recolheu um do chão. Uma drag queen chamada Martina Luther Kink. Um bordão bobo sobre ter um sonho.

Percorreu todos os cômodos do térreo e abriu todas as portas — despensa, armário de casacos, armário do aspirador — até ser recebido por um muro de ar

frio e degraus de cimento que conduziam ao piso inferior. Encontrou o interruptor e foi descendo. Máquinas de lavar, caixas, duas bicicletas enferrujadas...

Tornou a subir e foi até o segundo andar — escritório, uma pequena sala de ginástica, um provável espaço de armazenagem —, em seguida tornou a descer para o primeiro e abriu tudo. Cômodas de mogno rebuscadas, camas com dossel. Uma suíte master toda verde e branca. Se aquilo tivesse sido obra da esposa, até que não estava tão ruim assim. Uma gravura de Diane Arbus na parede, aquela do menino com uma granada na mão.

Ao lado da cama de Richard havia um telefone, e Yale o segurou aliviado. Ouviu o sinal de disar, reconfortante, e lentamente discou o próprio número. Ninguém atendeu.

Precisava escutar uma voz, qualquer voz humana, então tornou a esperar o sinal de disar e ligou para as informações.

— Nome e cidade, por favor — disse a mulher.

— Alô? — Queria ter certeza de que aquilo não era uma gravação.

— O senhor ligou para o serviço de informações. Sabe o nome da pessoa para quem deseja ligar?

— Sim, é... Marcus. Nico Marcus, em North Clark, Chicago. — Ele soletrou os nomes.

— Tem um N. Marcus em North Clark. Gostaria que eu fizesse a ligação?

— Não... não, obrigado.

— Continue na linha para escutar o número.

Yale desligou.

Deu a volta na casa mais uma vez, e por fim foi até a porta principal. Gritou para ninguém:

— Estou indo embora! Já estou indo!

E saiu para a escuridão.